

# Adjetivo: da classificação normativa à modificação argumentativa<sup>1</sup>

Andréia Inês Hanel Cerezoli<sup>i</sup> (UFFS/UCS) Tânia Maris de Azevedo<sup>ii</sup> (UCS)

#### Resumo:

O ensino de gramática no Brasil ocupa um lugar de destaque no ensino de línguas, cuja ênfase ainda reside na classificação e na correção linguística, o que se revela pouco significativo para que o usuário de língua atenda às demandas que a sociedade lhe coloca. Este trabalho tem como objetivo apresentar uma possibilidade de ensino de gramática sob o viés enunciativo da Semântica Argumentativa e traz como exemplo uma atividade que concebe o uso semântico do adjetivo má (em má o suficiente) como um modificador argumentativo. A pesquisa está fundamentada em pesquisadores como Weedwood (2002) para compreender o percurso dos estudos gramaticais, Flores e Teixeira, para delinear o estudo enunciativo, e em Ducrot para fundamentar o uso do adjetivo como um modificador argumentativo. Os resultados permitem reafirmar que é somente no discurso que o sentido efetivamente se constitui; a descrição semântica do adjetivo fundamentada na perspectiva enunciativa não faz referência apenas ao papel dessa classe morfológica junto ao substantivo, mas estende-se ao discurso em sua totalidade de sentido, evidenciando grande potencial argumentativo. Concluímos que o adjetivo, ao ser mobilizado pelo locutor, atualiza também uma escala gradual, tornando o enunciado que o contém um argumento mais forte em relação àquele que não conta com o uso de um adjetivo.

**Palavras-chave:** Gramática normativa. Adjetivo. Semântica Argumentativa. Modificador argumentativo.

#### Abstract:

The teaching of grammar in Brazil has significant importance in language teaching, whose focus remains in linguistic correction and classification; meaning very little to the needs that the language user has according to demands of society. This article aims at presenting a possible suggestion of

1 Artigo derivado de pesquisa apoiada pelo CNPq.

-

grammar teaching through the enunciation perspective of Argumentative Semantics, bringing as example an activity that conceives the semantic use of the adjective 'evil' (má, in Portuguese), in the expression má o suficiente (evil enough) as an argumentative modifier. This paper is based on researchers such as Weedwood (2002), in order to understand the route of grammar studies; Flores e Teixeira, with the purpose of characterizing the enunciation study; and on Ducrot, to substantiate the use of the adjective as an argumentative modifier. Results allow for restating that it is only in discourse that meaning effectively takes form; the semantic description of the adjective, grounded on the enunciation perspective, refers not only to the role of this morphological group together with a noun, but also to discourse on its total meaning, showing great argumentative potential. We conclude that the adjective, when used by the utterer, updates a gradual scale, turning the utterance where it is located into a stronger argument in comparison to one where an adjective is not found.

**Keywords:** Normative grammar. Adjective. Argumentative Semantics. Argumentative Modifier.

### 1. Introdução

A contextualização da chamada deste artigo afirma que no Brasil, a gramática, que ocupou um lugar primordial no âmbito do ensino e aprendizagem de línguas, dando primazia às classificações e à correção linguística, revelou-se como disciplina que promove pouco a compreensão e o domínio consciente da língua e de seu modo de funcionamento. Percepção avolumada por Flores et al. (2011, p. 10) "[...] sabemos que muito se tem discutido em torno das relações entre uso da linguagem e gramática, no entanto ainda são escassos os materiais que, para além dos bancos acadêmicos, estão ao alcance dos professores de língua materna."

Considerando-se que o objetivo deste dossiê temático é, também, criar um espaço de discussões sobre os posicionamentos teóricos que fundamentam as práticas de sala de aula no que se refere à gramática e ao estudo da linguagem, este artigo tenciona apresentar, à luz da Semântica Argumentativa, de Oswald Ducrot, uma proposta de atividade que concebe o uso semântico do adjetivo má (em má o suficiente) como um modificador argumentativo. Trata-se de uma pesquisa essencialmente teórica, que, portanto, não prevê testagens ou aplicações, quer dizer, a atividade proposta aqui serve apenas para exemplificar as potencialidades teóricas. Quanto à perspectiva enunciativa, Flores et al. (2011, p. 19) define que "A enunciação é um estudo que prevê que estrutura [língua] e sujeito não são disjuntos, mas que estão imbrincados e implicados.", lembrando-se que tratamos de um sujeito linguístico. Quanto à Semântica Argumentativa, Ducrot (1989, p. 38)

entende que "A língua, vista como um conjunto de frases semanticamente descritas, determina, parcialmente pelo menos, as argumentações e valores argumentativos apresentados no discurso.".

Para uma melhor compreensão deste trabalho, organizamos, caro leitor, duas seções: (1) Tradição gramatical e gramática tradicional: do sentido à forma; em que buscamos fazer um rápido sobrevoo sobre alguns pontos de vista acerca dos lugares concedidos ao sentido e à forma na tradição dos estudos gramaticais; e (2) Gramática normativa e enunciação: da forma ao sentido; em que buscamos dentro de: apresentar o adjetivo pela gramática normativa, além de discutir aspectos de atividades escolares de enfoque normativo, expor alguns fundamentos teóricos acerca da perspectiva enunciativa e da Semântica Argumentativa e observar, descrever e explicar o sentido discursivo do adjetivo má (em má o suficiente) considerando-o como modificador argumentativo.

#### 2. Tradição gramatical e gramática tradicional: do sentido à forma

Os estudos históricos acerca da tradição gramatical concedem a Platão o lugar de primeiro filósofo a teorizar a possibilidade da gramática. Abbagnano (1998), no seu Dicionário de Filosofia, por exemplo, indica que o termo gramática, recorrente nos textos platonianos, é definido com maior precisão no diálogo Crátilo (390 – 385 a. C.) "Nenhum nome é inerente à natureza de nada, ele apenas segue as normas e hábitos de quem o habilitou ao chamar." (PLATÃO, 2014, p. 24); "o nome é um tipo de instrumento informativo e distintivo da existência [...]" (PLATÃO, 2014, p. 30); ou ainda "para declarar o gênero num todo, quais seriam os mais sensatos nas cidades, os homens ou as mulheres?"(PLATÃO, 2014, p. 36). E mais especificamente no caso do adjetivo "convém chamar a todos esses pelos mesmos nomes. Porém, é possível floreá-los com sílabas até surgir uma opinião de que, pela sua particularidade, os mesmos seres são diferentes uns dos outros." (PLATÃO, 2014, p. 38).

De acordo com Abbagnano (1998), então, Platão é o primeiro a atribuir à gramática um caráter normativo, já que, segundo o filósofo grego, um gramático não descreve, mas prescreve. Aristóteles, com percepção semelhante, define **gramática** como a ciência do ler e do escrever. Tal concepção permanece até a Idade Moderna praticamente sem alterações.

Saussure (2006, p. 7) afirma que a Linguística, como ciência dos fenômenos da língua, antes de ter definido seu objeto de estudo, a língua, passou por uma primeira fase em que era denominada **Gramática**.

Um estudo inaugurado pelos gregos, e continuado principalmente pelos franceses, é baseado na lógica e está desprovido de qualquer visão científica e desinteressada da própria língua; visa unicamente a formular regras para distinguir as formas corretas das incorretas; é uma disciplina normativa, muito afastada da pura observação e cujo ponto de vista é forçosamente estreito. (SAUSSURE, 2006, p. 7)

De acordo com a tradição gramatical, Weedwood (2002) afirma que, pelos registros disponíveis hoje, poucas sociedades antigas estavam preocupadas com as investigações linguísticas. A tradição gramatical não-ocidental, mais interessante, original e independente, é a da Índia referida há pelo menos 2 500 anos e cuja culminância ocorre com a conhecida gramática de Panini, do século V a.C. que analisava o Sânscrito. Outra questão apresentada pela pesquisadora é a de que os gregos percorreram um processo gradual em que os enunciados foram analisados em elementos cada vez menores, considerando as partes do discurso. Ressaltando que a base da divisão adotada pelos gregos é funcional e semântica não formal.

Os gregos, ainda com Platão, segundo Weedwood (2002) foram responsáveis por dividir o discurso em um nome e o que se diz acerca dele; que vieram a assumir sentidos técnicos amplamente correspondentes a **sujeito** e **predicado**. Filósofos posteriores, como Aristóteles, observaram mais atentamente os constituintes semânticos do enunciado. Tal sistema foi refinado por sucessivas gerações de estudiosos, e um papiro do século I d. C., que preserva as partes iniciais de uma gramática já indicava a diferenciação de nove partes do discurso. A autora conclui que a marca dos estudos gregos é a importância preponderante do significado, comprovada tanto nos critérios predominantemente semânticos usados para distinguir as partes do discurso como nas categorias estabelecidas.

Para a autora, a tradição de estudos gregos só foi incorporada à tradição ocidental por meio dos gramáticos romanos da Antiguidade, e atribui à filtragem gramatical grega, pelos romanos, uma das mais importantes consequências da gramática normativa ainda nos dias atuais. Isso porque, segundo a autora, nas obras de Apolônio Díscolo e Dionísio Trácio a frase (oração, sentença ou cláusula) é definida como um *autotelos lógos*, em que conservava a ideia de **expressão auto-sustentada**, devido a seus elementos semânticos e

sua função em uma situação comunicativa. Um problema de interpretação-tradução associou a *autotelos* a ideia de **completo, acabado, perfeito,** o que leva os estudiosos a tratar a frase como independente do texto em que aparece e como objeto suficiente para o conhecimento das funções sintáticas. Com essa interperatação-tradução, na tradição romana, a educação sob domínio do Império era destinada a formação de oradores. Depois de se alfabetizarem, as crianças estudavam gramática e a aplicavam à análise de textos literários sob a tutela do *grammaticus* e, finalmente, eram guiadas pelo *rhetor* na composição de discursos elegantes. Muitos *grammaticus* compilaram seus próprios manuais de ensino que pertencem a dois grupos principais: a gramática escolar e a de regras. A gramática escolar continha uma exposição sistemática das categorias gramaticais, exemplificadas por meio do latim. Já a gramática de regras era considerada uma obra de referência destinada a ajudar na identificação das formas do latim. (WEEDWOOD, 2002).

Dados da Idade Média, segundo Weedwood (2002), revelam com destaque que, nesse período, o livro didático gramatical adquiriu uma nova estrutura em quatro partes: *orthographia* (as propriedades da *littera*); *prosodia* (as propriedades da sílaba, como duração e tonicidade); *etymologia* (as oito partes do discurso) e *diasynthetica* (sintaxe). Essa estrutura, como se vê, avança da menor a maior unidade e é ancestral da moderna hierarquia de fonética, fonologia, morfologia e sintaxe.

Já o Renascimento vai ser marcado pela disputa incessante entre duas abordagens: a particular, que se concentra nos fenômenos físicos que diferenciam as línguas e a universal que dedicada aos princípios subjacentes à linguagem, continua a buscar inspiração na filosofia e na lógica. Devido aos estudos da língua por essa abordagem particular, transformou-se a forma como a língua era estudada, deixando o elemento semântico de lado e assumindo real interesse pela fonética.

Este breve percurso justifica o título desta seção que afirma que a tradição gramatical esteve orientada pelo sentido até a gramática normativa estampar a orientação formal aos seus estudos. Na crítica saussuriana "A gramática tradicional ignora partes inteiras da língua como, por exemplo, a formação de palavras; é normativa e crê dever promulgar regras em vez de comprovar fatos; falta-lhe a visão do conjunto" (SAUSSURE, 2006, p. 98).

A próxima seção, além de delimitar o objeto gramatical deste trabalho, apresenta uma possibilidade de trabalhar os fatos de língua sob perspectiva enunciativa como uma das formas de superar a gramática normativa.

#### 2 Gramática normativa e enunciação: da forma ao sentido

No início desta seção retomamos a ideia apresentada na chamada deste dossiê a qual constata que a primazia às classificações e à correção linguística revelam-se como atividades que pouco contribuem para a compreensão e o domínio consciente dos componentes inerentes à língua e ao seu modo de funcionamento. Há uma tendência regida pela gramática normativa em priorizar a forma (por exemplo, a classificação das palavras ou sintagmas) estabelecida e já instituída como pouco significativa, para que "o usuário de língua, aquele que faz da língua um instrumento para conferir sentidos às suas interações verbais [...]" (AZEVEDO, 2016, p. 49), supra as demandas que a sociedade lhe coloca. No entanto, reconhecer apenas as formas linguísticas e suas classificações não contribui para que o usuário de língua atenda às demandas e confira sentido às interações, o que nos leva a crer que as atividades para a aprendizagem de uma dada língua tenham como foco, não a forma, mas o sentido, princípio da perspectiva enunciativa.

Antes de apresentarmos a perspectiva enunciativa e seus fundamentos epistemológicos e metodológicos, faremos um pequeno pouso na descrição do **adjetivo** pela gramática normativa, pois é objetivo desta seção, relembramos, definir o **adjetivo** pela gramática normativa, além de discutir aspectos de atividades escolares de enfoque normativo.

Apresentamos duas gramáticas normativas que descrevem o adjetivo, são elas: a Moderna Gramática Portuguesa (2009), de Evanildo Bechara e a Nova Gramática do Português Contemporâneo (2001) de Celso Cunha e Lindley Cintra. A escolha dessas gramáticas se deve ao reconhecimento dos autores, no que se refere à norma padrão da Língua Portuguesa, diante da comunidade escolar.

### 2.1 gramática normativa e adjetivo: delimitação e modificação

A opção por abordar o **adjetivo** origina-se de duas provocações: a primeira decorre da sugestão de Oswald Ducrot aos jovens linguistas quando afirma

Os jovens linguistas devem estudar tudo o que se refere ao discurso. [...]. Tudo o que concerne à enunciação deve ser atualmente objeto de atenção dos jovens linguistas. Todavia, é preciso igualmente continuar a estudar a matéria mesmo da língua, estudar a palavra, a gramática, estudar o modo como as palavras se organizam nas frases, não fazer estudos aéreos, fora da realidade, eles devem entrar na realidade da língua e ver os problemas de sintaxe... (DUCROT, 2012, p. 16, grifo nosso)

Partindo daí, este estudo é voltado ao estudo da palavra que é classificada pela gramática normativa como adjetivo; a segunda decorre de uma pesquisa realizada na década de 90 por Maria Helena de Moura Neves acerca do ensino de gramática. Ao responderem a uma das perguntas feitas aos docentes, "O que é ensinado na aula de gramática?" a totalidade dos professores entrevistados declaram dar exercícios que, em sua grande maioria, transitam entre reconhecer classes de palavras e funções sintáticas. Para a questão "Como a aula de gramática é conduzida?" cerca de 50% dos professores declararam partir de textos, mas as entrevistas mostraram que "partir de texto" nada mais significa que "retirar do texto" palavras de determinada classe ou que exercem dada função na frase. A pesquisa ainda identificou que a grande maioria dos docentes não vê utilidade naquilo que ensina, mas continua fazendo para não ser "cobrado" pela sociedade que ainda crê ser esse o objeto de aprendizagem da disciplina de Língua Portuguesa na Educação Básica.

As duas provocações culminam, aqui, na escolha do **adjetivo** como objeto deste artigo, salientando-se que o que for afirmado normativamente para o **adjetivo** vale, no mais das vezes, para as demais classes de palavras.

### 2.1.1 O adjetivo e as gramáticas escolares

Na Moderna Gramática Portuguesa, Bechara define que o adjetivo "

é a classe de lexema que se caracteriza por constituir a *delimitação*, isto é, por caracterizar as possibilidades designativas do substantivo, orientando delimitativamente a referência a uma *parte* ou a um *aspecto* do denotado. [...] A relação gramatical instaurada entre o signo delimitador e o signo delimitado é geralmente expressa pela 'concordância'. (BECHARA, 2009, p. 142, grifos do autor)

Para o gramático, a delimitação apresenta distinções que serão apresentadas, sintetizadas e exemplificadas no Quadro I.

Quadro I – Adjetivo como delimitação

CLASSE		ADJETIVO				
FUNÇÃO:	İ	DELIMITAÇÃO				
DISTINÇÃO	EXPLICAÇÃO	ESPECIALIZAÇÃO	ESPECIFICAÇÃO			
			Restringem as possibilidades de referência de um signo, ajuntando-lhe nota que não são inerentes a seu significado.			
	acentuam uma característica inerente do nomeado ou denotado.	extensivos ou intensivos pelos quais se considera o determinado, sem isolá-lo nem opô-lo a outros determináveis capazes de	Apresentam os objetos denotados como pertencentes as classes que, por sua vez, se consideram incluídas em classes mais	garantir sua compreensão por		
EXEMPLO	<i>vasto</i> oceano	vida i <i>nteira</i>	Menino <i>louro</i>	Folha de papel		

Elaborado pelas autoras com base em (BECHARA, 2009, p. 143)

Na **Nova Gramática do Português Contemporâneo**, por sua vez, Celso Cunha e Lindley Cintra descrevem que o adjetivo como "essencialmente um modificador do substantivo." (CUNHA; CINTRA, 2001, p. 245). De acordo com os gramáticos, o adjetivo pode exercer duas funções, que serão apresentadas e exemplificadas no Quadro II.

Quadro II - Adjetivo como modificadores

CLASSE	ADJETIVO							
FUNÇÃO	MODIFICADOR DO SUBSTANTIVO							
		erizar os seres, os objetos ou as noções nomeadas bstantivo, indicando-lhe:		Estabelecer com o substantivo uma relação, por exemplo, de:				
	Qualidade ou defeito	Modo de ser	Aspecto ou aparência	Estado	Tempo	Finalidade	Propriedade	Procedência
	Homem perverso	Pessoa simples		Casa arruinada	Nota mensal	Movimento estudantil	I	Vinho português

Elaborado pelas autoras com base em (CUNHA E CINTRA, 2001, p. 245)

Parece-nos possível afirmar que a normatização do **adjetivo**, nas duas gramáticas consultadas, se dá sempre e, somente, em função do substantivo, restringindo o estudo do adjetivo à: (a) identificação do substantivo a que o adjetivo faz referência; (b) classificação de determinada palavra que pode, ora ser classificada como substantivo, ora como adjetivo;

e (c) enumeração de sinônimos. Exemplificamos essa afirmação com dois exercícios retirados de um blog², Blog do Enem, e que se configuram como boa parte das atividades propostas nos livros didáticos. Considerando-se que as atividades estão sendo promovidas por um veículo voltado para o Enem, cremos ser possível, considerar as atividades destinadas ao ensino médio.

#### **Atividades**

- 1) Sublinhe os adjetivos e indique, com uma seta, a que substantivo eles se referem.
- a) O aluno estudioso consegue bons resultados.
- b) As crianças pequenas estavam alegres.
- c) A menina ficou irritada com o irmão
- d) O homem usava um chapéu grande.
- e) Maria encontrou um pobre gatinho martirizado
- h) Esse menino tem cabelos pretos e encaracolados.
- 2) Marque com um X a frase em que a palavra destacada é adjetivo.
- a) As goiabas doces eram vendidas pelos feirantes.
- b) Naquele sítio os visitantes comem muitos doces.
- a) Uma <u>velha</u> atendeu-me na porta.
- b) Uma saia velha foi encontrada na rua.
- a) As pessoas acharam o homem estranho.
- b) Um estranho chegou no bar.

Em síntese, mesmo quando a perspectiva normativa utiliza o discurso para que o leitor perceba o uso do **adjetivo**, o usuário de língua é pouco requisitado a pensar sobre o sentido produzido por tal uso. Enfim, parece-nos possível dizer que os exercícios aqui analisados reafirmam a premissa apresentada na chamada deste dossiê quando assumem a primazia das classificações e da correção linguística, sobre a compreensão e o domínio consciente dos componentes inerentes à língua e de seu modo de funcionamento.

Na sequência, expomos a perspectiva enunciativa que acreditamos poder fundamentar propostas de ensino de **língua** que permitam ao **usuário** conscientizar-se dos aspectos semânticos produzidos pela atualização do adjetivo nos discursos de uma dada língua.

\_

O Blog do Enem é página na internet votada ao Enem, nela é possível encontrar exercícios de revisão, videoaulas, apostilas gratuitas, além de notícias sobre a própria edição do Enem e do Sisu. O endereço eletrônico é https://blogdoenem.com.br/adjetivos-gramatica-enem/. Acesso em 16/05/2019.

## 2.2 linguística da enunciação e semântica argumentativa: sujeito e discurso

Iniciamos esta seção com o questionamento de Niederaurer (2015, p. 19): "De que adianta buscar no discurso entidades gramaticais pontuais como, por exemplo, os verbos, se na verdade estão sendo tratados fora do contexto enunciativo?", quer dizer, de que vale, como nas atividades apresentadas anteriormente, reconhecer o substantivo sobre o qual o adjetivo está exercendo sua modificação ou delimitação, se o usuário da língua não puder, nas demandas que a sociedade lhe coloca, perceber as possibilidades e as restrições que a atualização do uso do adjetivo coloca, seja na produção de um discurso, seja na sua recepção, oral ou escrita.

Buscamos, como já indicado neste trabalho, apresentar, sob a perspectiva enunciativa da Semântica Argumentativa, uma proposta de atividade que conceba o uso semântico do adjetivo como um modificador argumentativo. Nesse sentido, cabe-nos, antes da exemplificação, explicitar em que consiste uma perspectiva enunciativa para o ensino de língua. De acordo com Flores et al.

Estudar a linguagem do prisma de uma teoria da enunciação é estudá-la do ponto de vista semântico. Isso não significa que os demais níveis de análise linguística não sejam contemplados pelas teorias enunciativas. É uma questão de ponto de vista: o núcleo de qualquer teoria enunciativa é o sentido. Dessa forma, todos os níveis de análise linguística (morfologia, sintaxe, fonologia etc.) estão submetidos ao sentido. (FLORES et al., 2011, p. 33, grifo nosso)

Se estudar a linguagem, como dizem os autores, é estudar o sentido que se constitui com e por ela, ensinar a usá-la também precisa ter seu fundamento e norte no sentido. Essa é a ideia que confirma a possibilidade prevista neste estudo de abordar uma classe de palavras, no caso aqui o adjetivo, não sob a perspectiva da forma, mas pelo viés do sentido. Antes de prosseguirmos, no entanto, é preciso indicar que o campo da enunciação abriga um conjunto de teorias que, de acordo com Flores e Teixeira (2009), e no Dicionário de linguística da enunciação (FLORES et al., 2009), devem satisfazer quatro critérios: (a) referência a Saussure; (b) análise da linguagem do ponto de vista do sentido; (c) elaboração explícita de uma teoria sobre o tema da enunciação; e (d) presença da subjetividade nos estudos da linguagem. Esses critérios serão explorados de maneira ilustrativa a partir da Teoria se Oswald Ducrot.

A Semântica Argumentativa (SA), também denominada Teoria da Argumentação na Língua (TAL), criada por Oswald Ducrot e colaboradores na década de 19603 e ainda está em desenvolvimento. A SA se opõe ao referencialismo e ao cognitivismo, na medida em que, consoante Ducrot (2006, p. 03), o primeiro "consiste em mostrar 'na realidade' objetos ou estados de coisas, ou ainda supor classes de objetos ou estados, que constituiriam o sentido das palavras." e o segundo "acredita, de fato, poder isolar 'conceitos', 'ideias', 'pensamentos' ou ainda 'representações' (termo julgado muitas vezes mais prudente), que o associaria às palavras enquanto seu 'sentido', as palavras servem somente para evocar essas representações sem serem uma parte constitutiva [...]" (DUCROT, 2006, p. 03). O linguista esclarece que, segundo a TAL, não é possível descrever o sentido de uma palavra ou signo em si, uma vez que o signo mesmo já é um elemento constitutivo do sentido, e assume que o sentido de uma entidade linguística consiste "em um conjunto de encadeamentos argumentativos, ainda chamados 'argumentações', que estão relacionados pela língua a essa entidade." (DUCROT, 2006, p. 05). Tal posicionamento, mostra que o semanticista se mantém em perfeita sintonia com o princípio saussuriano do valor linguístico. Exemplificamos com (1) Pedro é inteligente. De acordo com o semantista, esta afirmação não tem significado algum antes que seja possível reconhecer como o locutor<sup>4</sup> continuará tal discurso. Se atualizar (2) Pedro é inteligente, deve ser aprovado no exame, o locutor pretende impor ao alocutário certa admiração à inteligência de Pedro, mas, se o locutor atualizar algo como (3) Pedro é inteligente, mesmo assim precisará repetir a prova opta, então, por impor ao alocutário não mais admiração pela inteligência, mas algo como desconfiança, talvez.

Saussure afirma que a presença de um som em uma língua, sendo ele o menor elemento diferencial desse sistema, "só tem valor por oposição com outros sons presentes; e é essa a primeira aplicação rudimentar, mas já incontestável, do princípio das OPOSIÇÕES, ou dos VALORES RECÍPROCOS, ou das QUANTIDADES NEGATIVAS e RELATIVAS que criam um estado de língua." (SAUSSURE, 2004, p. 27, grifos do autor)<sup>5</sup>; ou ainda como

-

<sup>3</sup> Barbisan (2012) afirma que a Teoria da Argumentação na Língua tem um longo desenvolvimento, sendo difícil apontar com exatidão a data de seu início. Sugere que os princípios da Teoria surgem ainda na década de 1960, quando Ducrot adota o conceito de *valor*.

<sup>4</sup> O sujeito discursivo responsável pelo enunciado.

<sup>5</sup> Escritos de linguística geral (2004).

encontramos no CLG<sup>6</sup> (p. 136): "Sua característica mais exata é ser o que os outros não são.". A língua é, então, um sistema de diferenças no qual um termo só existe por oposição a todos os outros que compõem esse sistema. Logo, o signo **inteligente** tem seu valor em relação a **incapaz**, **esperto**, **tonto** etc., relações associativas, bem como aos demais signos anteriores e posteriores a **inteligente**, realização sintagmática.

Os demais pontos de aproximação da Semântica Argumentativa ao campo enunciativo podem ser explicados, reafirmando-se que "a enunciação não é um nível de análise linguística, mas um ponto de vista." (FLORES; TEIXEIRA, 2005, p. 109-110), isto é, um princípio epistemológico que explica, por exemplo, que as teorias enunciativas voltamse para a compreensão do aspecto semântico da língua e, mesmo que outros níveis (sintático, fonológico etc.) possam servir de objeto de pesquisa, a finalidade será sempre explicar a constituição do sentido, "sentido essencialmente determinado pela subjetividade no discurso." (TEIXEIRA, 2005, p. 198), sempre circunstancial, logo, irrepetível. Ou, nas palavras de Flores et al. (2011, p. 41), "Constitui um fato enunciativo de linguagem todo fenômeno que servir para explicitar a maneira pela qual o sujeito se marca naquilo que diz.", pelo uso dos dêiticos de pessoa, tempo, espaço, mas, também, dos recursos linguísticos de opinião, qualificação, gradualidade etc., como afirmam Negroni e Tordesillas Colado (2001, p. 71).

Justificada e explicitada a filiação da TAL ao campo enunciativo, podemos nos debruçar pontualmente sobre o objetivo deste artigo, lançar à discussão uma proposta de atividade que considere o uso semântico do **adjetivo** como um **modificador argumentativo**.

A definição de modificador foi introduzida no marco da TAL pelo artigo *Los modificadores desrealizantes*<sup>7</sup>. Neste artigo Ducrot (1998, p. 48) assume que é preciso mostrar que as palavras têm, devido à sua significação, graus de aplicabilidade diferentes e, de um ponto de vista linguístico, denunciam a gradualidade intrínseca dos predicados da língua. Ducrot, define, então, como *modificadores* as palavras que determinam os substantivos ou os verbos, como os adjetivos ou advérbios.

Los modificadores que me interesan aquí explicitan caracteres cuya presencia disminuye o aumenta la aplicabilidad de un predicado, es dicir, en mi opinión, la puerza com la que se aplican, a propósiti de un objeto o de una situación, los topoi que cosntituyen su significación. Entre dichos modificadores, llamo

<sup>6</sup> Curso de linguística geral (2006).

<sup>7</sup> Tradução de Corina García González y Alicia Barbieri. Original francês "Les modificateurs déréalisants", publicado em Journal of Pragmactis, 24, (1995). p. 145-165.

realizantes (MR) a los que aumentan esta fuerza, y desrealizante (MD), a los que dismunuyen [...](DUCROT, 1998, p. 48, grifos do autor, tradução das autoras.)<sup>8</sup>

Para que uma determinada palavra seja considerada um **modificador**, Ducrot (1998, p. 50, tradução das autoras)<sup>9</sup> indica alguns requisitos.

Una palabra léxica Y es denominada "MD" em relación com un predicado X solo si el sintagma XY: (i) no es sentido como contradictorio; (ii) tiene una orientación argumetaiva inversa, o una fuerza argumentaiva inferior a la de X. Si XY tiene una furza argumnetativa superior a la X y com la misma orientación, Y es un "MR".

Algumas observações, coerentes com os postulados da Semântica Argumentativa, alertam que: (a) "Los fenómenos de realizácion y desrealización no dependen de las creencias, sino que explicitan en forma directa las significaciones." (DUCROT, 1998, p. 53, tradução das autoras), quer dizer, os fenômenos de realização e desrealização independem do locutor que atualiza o discurso, mas estão inscritos no próprio sistema; (b) não ser contraditório é a diferença que se pode estabelecer entre os modificadores e as negações dos predicados aos quais os modificadores se aplicam, por exemplo, *golpear a porta suavemente* não representa uma negação da realização do ato de golpear, apenas representa o que se considera uma exceção ao ato de golpear, normalmente abrupto; (c) o modificador desrealizante, pelo contrário, não imprime nenhuma exceção a qualquer regra.

Quanto ao adjetivo, Ducrot (1998, p. 55) declara que "parece posible admitir, sin embago, que la calificación, en el caso de un atributo, está dada como el objeto de la enunciación."<sup>11</sup>, e que, ao propor as noções de MD e de MR, o semanticista deseja mostrar como é possível localizar a gradualidade na própria significação dos predicados, ou seja

Se trata de decir que hay diferentes grados entre los cuales podemos elegir cuando decidimos aplicar un predicado a un objeto o a una situación. Una forma de compreender esta gradualidad (sin duda hay outras, que no veo) es

\_

<sup>8</sup> Os modificadores que me interessam aqui explicitam características cuja presença diminui ou aumenta a aplicabilidade de um predicado [...]. Entre os modificadores, chamo *realizantes* (MR) aqueles que aumentam a força e *desrealizantes* (MD) aqueles que a diminuem

g Uma palavra léxica Y é denominada "MD" em relação a um predicado X somente se o sintagma XY: (1) não é percebido como contraditório; (2) Tem uma orientação argumentativa inversa, ou uma força argumentativa inferior a de X. Se XY tem uma força argumentativa superior a de X e com a mesma orientação, Y é um 'MR'. 10 Os fenômenos da realização e desrealização não dependem das crenças, mas explicitam de forma direta as

significações.

<sup>11 [...]</sup> parece possível admitir, [...] que a qualificação, no caso de um atributo, está dada como o objeto da enunciação

identificarla con las diferentes fuerzas según las cuales se pueden poner en práctica los principios argumentativos (topoi, reglas) que constituyen la significación misma de ese predicado. <sup>12</sup> (DUCROT, 1998, p. 71)

Na próxima seção, pretendemos mostrar como os **adjetivos**(**má** o **suficiente**) funcionam como modificadores argumentativos.

### 2.3 Adjetivo como modificador: o caso de má e do suficiente

Dados os limites de um artigo e a natureza essencialmente teórica de uma investigação como a que nos propomos aqui, delimitamos nosso estudo à investigação de dois adjetivos, (má e o suficiente), no contexto discursivo - uma vez que, como já citado, só no discurso o sentido das palavras se constitui - da crônica *Mães más*, do médico psiquiatra Dr. Carlos Hecktheuer. A íntegra da crônica encontra-se no anexo deste artigo. A metodologia consiste na observação, descrição e explicação dos sentidos.

Tomamos, a título de exemplo, o enunciado

eu os amei o suficiente para ter perguntado aonde vão, com quem vão e a que horas regressarão,

parece-nos possível afirmar que temos uma escala gradual, que representamos da seguinte forma:

- AMAR	+ AMAR O SUFICIENTE
- PERGUNTAR	+ PERGUNTAR AONDE VÃO, COM QUEM VÃO E A QUE HORAS REGRESSARÃO

quer dizer, quanto mais existe amor **suficiente**, maior a quantidade de perguntas, ou maior detalhamento em relação às perguntas.

Supondo-se aceita tal gradualidade, cremos ser possível dizer que - o suficiente, no enunciado em questão, não apenas delimita, no sentido de especificar uma referência distintiva ou informativa como define Bechara; nem modifica o substantivo amor caracterizando-o pela sua qualidade ou modo de ser, como esclarecem Cunha e Cintra, mas

-

<sup>12</sup>Trata-se de dizer que há diferentes graus entre os quais podemos eleger quando decidimos aplicar um predicado a um objeto ou a uma situação. Uma forma de compreender essa gradualidade (sem dúvida há outras, que não vejo) é identificá-la com as diferentes forças segundo as quais se podem pôr em prática os princípios argumentativos (*topoi*, regras) que constituem a significação mesma desse predicado.

obriga o alocutário a escolher determinadas possibilidades para continuar o discurso, impedindo outras. Daí propomos, o suficiente como um modificador argumentativo realizante, pois aumenta a força atribuída ao amor e mostra como o locutor impõe ao alocutário dada continuidade discursiva, de modo a evidenciar o aumento do amor modificado pela expressão adjetiva - o suficiente.

Por exemplo, no enunciado eu os amei o suficiente para ter perguntado aonde vão, com quem vão e a que horas regressarão, o modificador realizante o suficiente pode autorizar uma continuação como para cuidar deles, no entanto impede, a não ser em contextos discursivos muito específicos como a ironia ou o humor, uma sequência como portanto não me importo com eles.

Para que nossa descrição não possa ser definida como sorte ou acaso, selecionamos a sequência

Sim, nossa mãe era má. Era a mãe mais má do mundo..."

– As outras crianças comiam doces no café e nós tínhamos que comer cereais, ovos e torradas.

As outras crianças bebiam refrigerante e comiam batatas fritas e sorvete no almoço e nós tínhamos que comer arroz, feijão, carne, legumes e frutas.

- MÃE	MÃE MÁ	MÃE MAIS MÁ DO MUNDO
POUCO CUIDADO COM ALIMENTAÇÃO	CUIDADO COM A ALIMENTAÇÃO	MUITO CUIDADO COM A ALIMENTAÇÃO

Reconhecida e aceita tal gradualidade, pode-se dizer que — má e mais má do mundo — impõem ao alocutário determinadas possibilidades para continuar o discurso, impedindo outras. Eis aqui um daqueles casos mencionado acima em que temos um contexto discursivo irônico em que o adjetivo má, que normalmente aponta para uma caracterização negativa, realiza uma gradualidade ironicamente positiva, permitindo, no segmento em análise, uma prossecução como nenhum de nós terá problemas alimentares no futuro e impedindo, a princípio, algo como quando formos adultos, teremos que tratar nossa obesidade.

O substantivo **mãe** no segmento é ora modificado pelo **adjetivo má**, ora o próprio conjunto **adjetivo + má** é modificado pela expressão modificadora **mais** ... **do mundo**,— conforme anterior.

Para finalizar nossa proposta de abordagem semântico-argumentativa de aspectos gramaticais ainda tratados de forma isolada, fragmentada e prescritiva, com base em critérios puramente morfológicos e sintáticos, não semânticos, portanto, trazemos atividades de ensino de língua que podem ilustrar melhor o que propomos. Acreditamos que os alunos do ensino médio configurariam o público destas questões.

- 1) Considerando que as palavras só adquirem sentido na relação com as outras palavras do/no discurso,
- a) diga qual o sentido de má:
- a.1) para a mãe:
- a.2) para o filho criança:
- a.3) para o filho adulto:

Esta primeira questão foi elaborada para que o aluno fique convencido de que o sentido não está **a priori** na palavra, inclusive que uma mesma palavra pode assumir sentidos diferentes dependendo das relações de sentido com as outras palavras que o locutor mobiliza naquele discurso, ou mesmo em diferentes ocorrências no discurso.

b) explique a diferença de sentido de **suficiente** na primeira aparição e na última aparição no discurso

Esta segunda questão foi elaborada para que o aluno perceba que no primeiro caso, o suficiente toma o sentido de muito, enquanto o último caso configura-se com o sentido de pouco.

c) no discurso, explique que relação de sentido é estabelecida entre: **amar o suficiente** e **mãe má** no discurso:

Já a terceira questão, almeja que o aluno perceba a organização global do discurso. Na primeira parte do discurso, sob a perspectiva da narração da mãe, ela justifica que somente porque amou muito os filhos teve coragem de tomar atitudes que contrariavam o desejo deles e, muitas vezes, o dela também. Na segunda parte do texto, sob a perspectiva da narração do filho na infância, a mãe é qualificada como má, por tomar atitudes, que em sua maioria, as outras mães não tomavam. O que muda não são as atitudes tomadas pela mãe, mas o ponto de vista assumido pelo locutor.

241

2. Selecione dois argumentos no discurso que comprovem que o adjetivo **má** está sendo

utilizado ironicamente. Explique a construção da ironia:

Esta última questão foi construída para que o aluno tome consciência do

processo de elaboração do sentido irônico no discurso, não só na medida de identificar

as partes irônicas, mas de explicar como a ironia foi construída.

Considerações finais

Com o que trouxemos à discussão neste artigo, pensamos contribuir, mesmo que

minimamente, com uma nova abordagem para o ensino de língua na qual o princípio

orientador de todo o trabalho seria a constituição do sentido no discurso, quer oral, quer

escrito, seja em termos de produção, seja de recepção. Concluímos que o adjetivo, ao ser

mobilizado pelo locutor, atualiza também uma escala gradual, tornando o enunciado que o

contém um argumento mais forte em relação àquele que não conta com o uso de um

adjetivo.

Uma proposta como essa pode colaborar mais significativamente com a qualificação

do desenvolvimento, pelo aprendiz, das competências e habilidades que o uso proficiente

de uma língua pressupõe.

Por óbvio, este é mais um dos passos na direção de uma transposição didática da

Semântica Argumentativa para o ensino do uso de uma determinada língua, materna ou

estrangeira, pois, como diz a tese que dá o nome da teoria de Ducrot, a argumentação está

inscrita no sistema linguístico, logo deve dar conta de descrever e explicar a constituição

semântica de qualquer idioma. Além disso, muito há a trilhar ainda em termos de pesquisa

para podermos propor uma transposição e, talvez, uma formação continuada de

professores de língua no que tange aos pressupostos enunciativo-discursivos da Teoria da

Argumentação na Língua.

Anexo l

MÃES MÁS<sup>13</sup>

Dr. Carlos Hecktheuer - Médico Psiquiatra

Um dia, quando meus filhos forem crescidos o suficiente para entender a lógica que motiva os pais e as mães,

13 Disponível em: <a href="https://www.pensador.com/autor/dr\_carlos\_hecktheuer\_medico\_psiquiatra/">https://www.pensador.com/autor/dr\_carlos\_hecktheuer\_medico\_psiquiatra/</a>. Acesso em 15/05/2019.

Eutomia, Recife, 23(1): 225-244, Jul. 2019

eu hei de dizer-lhes:

- Eu os amei o suficiente para ter perguntado aonde vão, com quem vão e a que horas regressarão. Eu os amei o suficiente para não ter ficado em silêncio e fazer vocês saberem que aquele novo amigo não era boa companhia.
- Eu os amei o suficiente para os fazer pagar as balas que tiraram do supermercado ou revistas do jornaleiro, e os fazer dizer ao dono: "Nós pegamos isto ontem e queríamos pagar".
- Eu os amei o suficiente para ter ficado em pé junto a vocês, duas horas, enquanto limpavam o seu quarto, tarefa que eu teria feito em 15 minutos.
- Eu os amei o suficiente para os deixar ver além do amor que eu sentia por vocês, o desapontamento e também as lágrimas nos meus olhos.
- Eu os amei o suficiente para os deixar assumir a responsabilidade por suas ações, mesmo quando as penalidades eram tão duras que me partiam o coração.

Mais do que tudo, eu os amei o suficiente para dizer-lhes não, quando eu sabia que vocês poderiam me odiar por isso (e em momentos até odiaram). Essas eram as mais difíceis batalhas de todas.

Estou contente, venci... Porque no final vocês venceram também!

E em qualquer dia, quando meus netos forem crescidos o suficiente para entender a lógica que motiva os pais e as mães, quando eles lhes perguntarem se sua mãe era má, meus filhos vão lhes dizer:

"Sim, nossa mãe era má. Era a mãe mais má do mundo..."

- As outras crianças comiam doces no café e nós tínhamos que comer cereais, ovos e torradas.

As outras crianças bebiam refrigerante e comiam batatas fritas e sorvete no almoço e nós tínhamos que comer arroz, feijão, carne, legumes e frutas.

E ela nos obrigava a jantar à mesa, bem diferente das outras mães que deixavam seus filhos comerem vendo televisão.

Ela insistia em saber onde estávamos a toda hora (tocava nosso celular de madrugada e "fuçava" nos nossos e-mails).

Mamãe tinha que saber quem eram nossos amigos e o que nós fazíamos com eles.

Insistia que lhe disséssemos com quem íamos sair, mesmo que demorássemos apenas uma hora ou menos.

Nós tínhamos vergonha de admitir, mas ela violava as leis do trabalho infantil. Nós tínhamos que tirar a louça da mesa, arrumar nossas bagunças, esvaziar o lixo e fazer todo esse tipo de trabalho, que achávamos cruéis.

Eu acho que ela nem dormia à noite, pensando em coisas para nos mandar fazer.

Ela insistia sempre conosco para que lhe disséssemos sempre a verdade e apenas a verdade.

E quando éramos adolescentes, ela conseguia até ler os nossos pensamentos.

A nossa vida era mesmo chata. Ela não deixava os nossos amigos tocarem a buzina para que saíssemos, tinham que subir, bater à porta, para ela os conhecer.

Enquanto todos podiam voltar tarde à noite, com 12 anos, tivemos que esperar pelos 16 para chegar um pouco mais tarde, e aquela chata levantava para saber se a festa foi boa (só para ver como estávamos ao voltar).

Por causa de nossa mãe, nós perdemos imensas experiências na adolescência: nenhum de nós esteve envolvido com drogas, em roubo, em atos de vandalismo, em violação de propriedade, nem fomos presos por qualquer crime.

FOI TUDO POR CAUSA DELA.

Agora que já somos adultos, honestos e educados, estamos a fazer o nosso melhor para sermos "PAIS MAUS", como minha mãe foi.

EU ACHO QUE ESTE É UM DOS MALES DO MUNDO DE HOJE: NÃO HÁ SUFICIENTES MÃES MÁS.

#### Referências

ABBAGNANO, N. Dicionário de filosofia. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

AZEVEDO, Tânia Maris de. Encadeamentos argumentativos, relações sintagmáticas e associativas: reflexão sobre o ensino da leitura. **Antares**, Caxias do Sul, v. 8, n. 15, p. 48-65, jan.-jun. 2016.

BARBISAN, Leci Borges. O sentido no discurso: o olhar da Teoria da Argumentação na

Língua. In. DI FANTI, Maria da Glória; BARBISAN, Leci Borges. (Org.) **Enunciação e Discurso**: tramas e sentidos. São Paulo: Contexto, 2012.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

CUNHA, Celso; CINTRA, Luís F. Lindley. **Nova gramática do português contemporâneo.** 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DUCROT, Oswald. Argumentação e "topoi" argumentativos. In. GUIMARÃES, Eduardo. (Orq.) **História e sentido na linguagem**. Campinas, SP: Pontes, 1989.

DUCROT, Oswald. Les modificateurs déréalisants », **Journal of Pragmatics**, vol. 24, n°1-2, 1995, .145-165. Traducido al español dans M. M. García Negroni (ed) *Signo y Seña*, n° 9, 1998, p. 45-72.

DUCROT, Oswald. La Sémantique Argumentative peut-elle se réclamer de Saussure? In. SAUSSURE, Louis de (Org.) **Nouveaux regards sur Saussure.** Genebra: Librairie Droz S.A., 2006.

DUCROT, Oswald; Trajetória e legado de um filósofo da linguagem: Oswald Ducrot. **Revista Investigação**, v. 25, n.2, p. 11 – 17, jul., 2012.

FLORES, Valdir do Nascimento; TEIXEIRA, Marlene. Introdução à linguística da enunciação. São Paulo: Contexto, 2005.

FLORES, Valdir do Nascimento et al. **Enunciação e gramática**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

\_\_\_\_\_\_. Dicionário de linguística da enunciação. São Paulo: Contexto, 2009.

NEGRONI, María Marta García; TORDESILLAS COLADO, Marta. La enunciación em la lengua: de la deixis a la polifonia. Madrid: Editorial Gredos, S.A., 2001.

NEVES, M.H.de M. Gramática na escola. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

NIEDERAUER, Carina Maria Melchiors. Compreensão leitora e formação docente : princípios de transposição didática de um modelo teórico-metodológico para a descrição semântico argumentativa do discurso. Tese (Doutorado em Letras). PPGL/UCS, Caxias do Sul, RS, 2015.

PLATÃO. Crátilo, ou sobre a correção dos nomes. São Paulo: Paulus, 2014.

SAUSSURE, Ferdinand de. Curso de lingüística geral. 27. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

SAUSSURE, Ferdinand de. Escritos de Linguística Geral. São Paulo: Cultrix, 2004.

TEIXEIRA, Marlene. É possível a leitura? **Revista Nonada:** Porto Alegre, ano 8, n.8, 2005, p. 195-204.

WEEDWOOD, Bárbara. **História concisa da linguística**. Trad. Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2002.

E-mail: hanelandreia@gmail.com

RECEBIDO EM 08/06/2019 ACEITO EM 15/07/2019

<sup>&</sup>lt;sup>i</sup> Professora de Língua Portuguesa e Linguística da Universidade Federal da Fronteira Sul – Campus Erechim R/S; Doutoranda em Letras na Universidade de Caxias do Sul – R/S

ii Docente do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade de Caxias do Sul; Docente do Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade de Caxias do Sul; Pesquisadora do CNPq. E-mail: <a href="mailto:tmazeved@ucs.br">tmazeved@ucs.br</a>